

Alfonsín reúne equipe e discute caso brasileiro

Rosental Calmon Alves
Correspondente

Buenos Aires — O presidente Raul Alfonsín manteve neste fim de semana uma reunião com os ministros da Economia, Juan Sourrouille, e das Relações Exteriores, Dante Caputo, para analisar a situação brasileira depois da suspensão do pagamento dos juros e a repercussão da crise no ambicioso projeto de integração econômica gradual entre os dois países. O secretário de Fazenda, Mario Brodersohn, encarregado das negociações argentinas sobre dívida externa, também participou dessa reunião "informal" e confirmou que viaja hoje ou amanhã a Brasília para encontrar-se com o ministro Dilsón Funaro.

A atual crise econômica brasileira desperta enorme interesse no governo argentino, a ponto de já ter levado o presidente Raul Alfonsín a telefonar para seu colega José Sarney. Na questão da dívida externa, o impacto da atitude brasileira no mercado internacional deverá ter uma notável influência no desfecho da atual renegociação que os argentinos estão realizando com os bancos estrangeiros para rolar sua própria dívida. Mas também há o aspecto da virtual paralisação dos projetos para aumentar o intercâmbio comercial entre os dois países, devido aos problemas de caixa do Brasil.

O subsecretário de Relações Econômicas Internacionais, embaixador Jorge Romero, viajou no fim de semana para o Rio, onde ficará até terça-feira, para analisar com funcionários brasileiros uma forma para que o comércio entre os dois países não seja muito afetado pela atual crise. O próprio presidente José Sarney tem interferido na questão, repetindo aos seus subordinados instruções de que deve ser dada prioridade aos negócios com a Argentina, dentro do espírito do Plano de Integração Gradual assinado por ele e por Alfonsín no ano passado.

A suspensão do pagamento dos juros da dívida externa pelo Brasil, contudo, é o tema que está ganhando maiores manchetes na imprensa de Buenos Aires. Os principais jornais, como *O Clarin* e o *La Nación*, mandaram jornalistas ao Brasil especialmente para cobrir a atual crise, que chegou até as páginas de humor. No *Clarín* de ontem, por exemplo, há uma história em quadrinhos sobre o anúncio feito

sexta-feira por Sarney: no primeiro quadrinho, aparece o presidente brasileiro na cama, de cabeça zonzinha, sem poder dormir e falando: "é inútil... o pagamento da dívida não me deixa dormir"; no segundo, Sarney vai a janela e grita: "Suspendemos o pagamento da dívida"; no último quadrinho, ele já está pegando no sono com o pensamento de que "...agora eles é que não poderão dormir".

Na reunião que teve sábado em sua residência oficial de Olivos, o presidente Alfonsín foi informado dos detalhes técnicos da atitude brasileira. Ficou sabendo, por exemplo, que segundo se comenta nos meios financeiros internacionais, o Brasil precisa receber dinheiro novo dos bancos estrangeiros no valor de aproximadamente 5 bilhões de dólares, pouco mais que o dobro do que a Argentina está pedindo (2,15 bilhões).

Antes de levar seus convidados para comer um churrasco num restaurante da avenida Costaneira, à beira do Rio da Prata, Alfonsín acertou com eles a política que seu país deve seguir em relação ao seu apoio ao Brasil e às suas próprias atitudes frente aos credores. Por enquanto, o governo argentino não acha que sirva de alguma coisa uma declaração formal de que está solidário com o Brasil, pois crê que isso é óbvio.

Segundo fontes do governo, Buenos Aires concorda com a análise de observadores internacionais dos países ricos que consideram a atitude brasileira como uma mera tática para negociar em bases mais fortes. Daqui a três meses é que começariam os acordos finais, quando os bancos estiverem prestes a fechar um acordo ou assumir prejuízos. Por enquanto, a Argentina está mais preocupada mesmo é com a resposta que os bancos vão lhe dar depois de amanhã sobre sua proposta de renegociação, que inclui a baixa dos **spreads** a níveis similares aos do México. Se a resposta for negativa, a Argentina seguirá o exemplo brasileiro e também suspenderá o pagamento dos juros. Seria a primeira vez, portanto, que dois grandes devedores da América Latina estariam em posições iguais frente aos credores e a Argentina tem deixado isso claro aos bancos para tirar proveito, ou seja, convencê-los de que esse fato teria incalculáveis repercussões no mundo financeiro, apavorando principalmente os pequenos bancos.